

CULTURA EUROPÉIA E INDÍGENA NO RIO DA PRATA NOS SÉCULOS XVI/XVIII

*Arno Alvarez Kern**

1. A SÍNTESE CULTURAL IBERO-INDÍGENA AMERICANA

A partir da descoberta da América um novo e imenso mundo se abria frente aos novos colonizadores europeus, povoado por milhares de grupos indígenas, com costumes e padrões culturais absolutamente novos para estes recém-chegados cristãos. Saídos há pouco da Idade Média, alguns pensavam ter encontrado o paraíso, enquanto que outros se debatiam em dúvidas religiosas, questionando se este continente inteiro jamais citado na Bíblia, não seria a terra de Satã, e se seus habitantes não estariam todos ainda marcados pelo pecado original. Alguns padrões culturais foram descritos em relatos da época como sendo aterrorizantes e bárbaros. Dentre eles se deu ênfase aos sacrifícios humanos dos Astecas ou à antropofagia dos Tupiguarani, fazendo tremer homens que, entretanto, achavam justos os autos de fé da Inquisição, e não se perturbavam ao assistir a queima em praça pública de “infiéis” judeus e muçulmanos.

Portugueses e espanhóis herdaram muito dos padrões culturais indígenas, ao mesmo tempo em que buscavam impor os seus costumes

* Curso de Pós-Graduação em História. IFCH/PUCRS. 90619-900 Porto Alegre-RS.

européus. Somos obrigados a levar em conta a complexidade social e cultural destes diversos tipos de contatos que se estabeleceram entre estes grupos, de origens tão diversas. Os indígenas ocultaram dos europeus muitos de seus traços culturais, principalmente os relacionados com os ritos e os mitos, enquanto que exigiam dos brancos exemplares de sua tecnologia avançada, tais como as lâminas de machado de ferro. É inequívoco que os indígenas tiveram que aceitar de maneira autoritária muitos dos padrões de comportamento dos europeus. Mas, por outro lado, temos que considerar que algumas das inovações técnicas trazidas da Europa pelos luso-espanhóis eram desejadas e exigidas por eles, como é o caso das armas de fogo e dos instrumentos em ferro. Apesar da exploração mercantilista e do combate ao paganismo indígena, a sociedade ibérica não deixou de agregar, também, inúmeros padrões culturais dos nativos, como se evidencia ainda hoje na maioria dos países americanos.

Tanto a sociedade européia como a indígena eram, nesta época, curiosas sínteses culturais, entre o tradicional e o moderno. Por um lado as sociedades indígenas mantinham inúmeros padrões sócio-culturais antigos, tradições muito arraigadas de épocas em que predominavam os caçadores-coletores-pescadores, com seus artefatos de pedra lascada e osso. Entretanto, muitas sociedades já haviam acrescentado a esta herança as inovações modernizadoras oriundas do processo de neolitização, dentre as quais a vida em aldeias, a cerâmica, a pedra polida, e a domesticação de plantas e animais. Outros grupos, localizados na zona andina, acrescentaram a este legado tradicional as inovações modernizadoras do estado, da realeza, da vida em cidades com seus templos, palácios e uma cultura muito sofisticada. Nesta América Indígena, as sociedades mesclavam as tradições arcaicas com inovações modernizadoras muito originais em complexas resultantes sócio-culturais.

Os contatos entre a sociedade ibérica luso-espanhola e as sociedades indígenas deram origem, portanto, a um processo de múltiplas influências culturais, no qual os diversos grupos indígenas tiveram importante contribuição a dar. A domesticação de plantas nativas nos evidencia como foi fundamental esta herança cultural: ainda hoje encontrada em maior ou menor grau nos hábitos dos europeus aqui instalados. A mandioca doce (aipim), o milho, as abóboras, os feijões, o cacau, as pimentas e a batata doce, são exemplos desta contribuição

cultural, e ainda hoje fazem parte de nossa dieta alimentar. O abacaxi, a goiaba, o caju, o amendoim, o coco, o abacate, o butiá e o araçá são algumas das frutas que eram coletadas e que passaram igualmente para nossos cardápios. Apesar de não contar a América com muitos animais domesticáveis, o controle sobre o peru, domesticado na América do Norte, e alguns camelídeos andinos tais como a alpaca, a vicunha e a lhama, na América do Sul, nos mostram também a sua importante colaboração neste setor. Por outro lado, os europeus que aqui chegavam e se instalavam, traziam igualmente complexas combinações de elementos socioculturais antigos e novos. Podemos destacar inicialmente, as inovações modernizadoras geradas pela efervescência cultural dos séculos XVI e XVII. São exemplos disto: a imprensa e o plano urbanístico em forma de grade e com a *plaza mayor* das novas cidades renascentistas: as linhas sinuosas, decorativas e teatrais da ornamentação barroca; e as inovações técnicas dos grandes descobrimentos, tais como os conhecimentos náuticos, a bússola e a técnica de construção de grandes embarcações. Ao lado destas, entretanto, podiam ser encontradas formas socioculturais muito tradicionais e arcaicas, oriundas do mundo greco-romano ou fruto da herança medieval. Dentre elas, um desenvolvimento do artesanato, especializado na metalurgia do ferro, na elaboração da cerâmica em torno de oleiro, no uso da roda e do arado. Foram os europeus que introduziram na América muitos animais domesticados, tais como o gado, cavalar e *vacum*, as ovelhas e os galináceos. Trouxeram também legumes e verduras, tais como o repolho e a alface, e frutas como os limões e as laranjas, os pêssegos e as peras. Além desta complexa herança cultural, os europeus introduziram na América muitos outros elementos culturais que estavam recebendo a partir dos descobrimentos e dos contatos com outros povos, tais como o arroz, o café, a banana e a cana de açúcar, os quais tiveram muita importância econômica.

Assim, as contribuições culturais aqui citadas como exemplo nos evidenciam as mútuas influências exercidas entre estas sociedades em presença. Os europeus que para aqui vieram não tiveram sucesso em recriar totalmente a Europa na América, mas terminaram se adequando a uma série de circunstâncias ambientais e históricas, bem como tendo de fazer muitas concessões sociais e culturais, por mais que tentem hoje em dia ignorar e esquecer isto. Do norte ao sul deste continente americano, cada vez que tomamos o nosso banho diário, deitamos em uma rede,

comemos pratos feitos com milho e mandioca, preparamos um chimarrão ou fazemos um churrasco, estamos diante de padrões culturais desconhecidos na Europa dos descobrimentos, e típicos da América Indígena.

2. CULTURA EUROPÉIA E INDÍGENA NO RIO DA PRATA

A imensa bacia do Rio da Prata serviu de palco a um dos mais extraordinários processos de síntese cultural conhecidos na América Colonial. Os índios Guarani e os missionários jesuítas portugueses e espanhóis foram os seus atores históricos principais, atuando ao longo dos séculos XVI e XVII em uma das mais vivas e violentas fronteiras existentes entre os impérios ibéricos coloniais sul-americanos.

Terminada a descoberta e a conquista, na transição do século XVI para o XVII, portugueses e espanhóis se encontram estabelecidos em pequenas cidades, cercados por milhares de indígenas, nestas imensas paisagens do Rio da Prata. Os maiores núcleos populacionais, tais como Rio de Janeiro, São Vicente, Assunção e Buenos Aires, não passam de pequenos povoados, apenas com alguns milhares de habitantes. As incipientes atividades da agricultura e da pecuária exigem continuamente mão-de-obra para a exploração econômica. Inicia-se então a captura e a escravidão dos indígenas do litoral meridional do Brasil e da proximidades das cidades espanholas platinas. Paralela a esta submissão dos indígenas, missionários iniciam uma conquista espiritual, buscando civilizar e cristianizar principalmente os Guarani platinos, conduzindo-os à vida em "Aldeias" ou "Pueblos de Índios". Rivalizam assim com os bandeirantes luso-brasileiros de São Paulo e São Vicente, no litoral meridional do Brasil. Nos vales dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, seus adversários são os "encomenderos" espanhóis de Assunção ou Buenos Aires.

Os missionários portugueses foram os pioneiros nos territórios do Sul do Brasil. Descendo em direção ao Rio da Prata, quando da união entre as monarquias ibéricas (1580-1640), atuaram em Laguna e Imbituba, em Torres e Porto Alegre. A partir de Assunção, são igualmente os jesuítas portugueses que iniciam missões volantes junto aos Guarani dos vales dos rios Paraguai e Paraná. São substituídos posteriormente pelos

missionários espanhóis, mas lançaram as bases dos futuros Trinta Povos Jesuítico-Guaranis. Esta foi uma das mais extraordinárias experiências realizadas no campo das relações culturais entre a tradição Guarani e o processo de modernização europeu.

As ações dos missionários portugueses e espanhóis na Região do Rio da Prata oriental apresentam idênticas características, tanto nas atividades voltadas para a evangelização como para a civilização do indígena. Nesta medida, reproduzem as determinações e a estratégia já estabelecidas desde o século XVI e definidas nas legislações coloniais, e que se estrutura na dupla função ordenadora da vida política (na *polis*) e cristã (na paróquia), única possibilidade para a época de se obter um *modus vivendi* com os indígenas. No Segundo Concílio de Lima (1567-68) chegou-se mesmo a afirmar que *"la fe no puede mantenerse sin las costumbres políticas"*, enquanto que o jesuíta Acosta dizia que *"primeiro hay que cuidar que los bárbaros aprendam a ser hombres y después a ser cristianos"*. Em outras palavras, acreditava-se que o indígena para abandonar a sua situação de "infiel" e ser convertido ao cristianismo, deveria ser antes de tudo um "homem", ou seja, abandonar os seus hábitos e padrões culturais tradicionais considerados selvagens e praticar os costumes considerados civilizados pelos europeus.¹ Substituindo os antigos "pajés" (médicos-feiticeiros), e tornando-se líderes carismáticos nas aldeias indígenas, os missionários iniciaram um processo de transculturação de extraordinária importância na vida dos Guarani, ao introduzir uma série de padrões culturais europeus modernizadores.

Os rituais das bebedeiras cerimoniais do canibalismo e do enterramento em urnas de cerâmica, são substituídos pelos padrões cristãos do batismo, da missa e do enterramento em cemitérios. As atividades tradicionais da caça, coleta, pesca e horticultura, passam a constituir apenas uma parte das atividades cotidianas ao lado de diversos trabalhos artesanais, aos que se somam a pecuária extensiva com o uso do cavalo e a agricultura em campo aberto, com a utilização do arado. As técnicas tradicionais indígenas de elaboração de seu artesanato persistem, mas a elas são acrescentadas as dos artesões europeus: cerâmica no torno, metalurgia do ferro, talha barroca, trabalhos em cantaria. Assim, os grupos de Guarani e os seus novos "médicos-feiticeiros" jesuítas animaram a vida destas novas comunidades, dando-lhes certas características próprias. As pesquisas arqueológicas e históricas nos mostram

como se organizaram os povoados missionários jesuíticos, a meio caminho entre o neolítico subtropical guarani e o colonial barrôco platino, entre a aldeia indígena e a cidade européia. Podemos perceber na confrontação da documentação histórica e arqueológica o jogo complexo das influências européias e indígenas, através do estudo do processo de urbanização e da organização da vida cotidiana. Os complexos processos de transculturação ocorreram em todos os níveis da organização social, na economia, na política, na cultura, de maneira a fazer com que os indígenas guaranis abandonassem os seus padrões tribais neolíticos. Como já afirmei em outra oportunidade,² talvez seja impossível descrevermos o processo de mudança ocorrido, em toda a sua complexidade, pois não possuímos ainda todos os dados e evidências. Entretanto, podemos compreender como foram assimilados as novas práticas trazidas pelos missionários, assim como reinterpretados e reacomodados os novos traços culturais importados. Evidencia-se um processo histórico de transculturação, no decorrer do qual grupos de indígenas horticultores das florestas subtropicais e tropicais se inseriram de maneira limitada na cultura da sociedade luso-espanhola-americana, num prolongamento colonial da cultura européia da época.

Evangelizar e civilizar os indígenas “pagões” foram os principais objetivos das missões religiosas na América Luso-Espanhola, dentro do espírito de cruzadismo que ainda imperava tanto em Portugal como na Espanha, e transposto agora para as novas terras que se descobriam e povoavam.³ Como vimos anteriormente, a expansão ibérica em direção à região platina, deveria precipitar o fim do mundo Guarani, por meio da colonização e da escravidão. A Missão religiosa, entretanto, através da expansão, do Cristianismo, representou um esforço para a minimização ou interrupção deste processo de desagregação sociocultural. Dentre as diversas parciaisidades de horticultores Tupiguarani apenas sobreviveram culturalmente — e portanto também fisicamente — aqueles que se submeteram às Reduções ou que conseguiram afastar-se das frentes de expansão escondendo-se em território não atingidos pelos encomenderos ou pelos bandeirantes. Em plena crise intelectual e religiosa — a Renascença e a Reforma — o mundo cristão recebia um continente inteiro, “povoado por uma humanidade não primitiva, mas em estado de civilização adolescente, ao mesmo tempo violenta, ingênua e incapaz de uma verdadeira defesa”. Os missionários tentaram, com honra, evitar a

criação de uma nova escravidão e através do fermento religioso elevar este amálgama de povos indígenas da barbárie à civilização.⁴ Las Casas, Francisco de Vitória, José de Acosta, Antonio Vieira, e os missionários franciscanos e jesuítas, portugueses e espanhóis, das Reduções da região platina, alinharam-se todos no sentido de proclamar com energia que os “selvagens” eram homens, diferentes talvez do branco europeu, mas não menos capazes do que este de atingir a salvação eterna. Deveriam assim gozar da dignidade de “filhos de Deus” e, portanto, de todos os direitos correspondentes na medida em que todos os homens eram iguais pelo batismo e pela natureza⁵.

São inúmeros os trabalhos escritos por sociólogos e economistas que se limitam a descrição do estabelecimento das missões e à análise de suas instituições, sem se referir às motivações religiosas que incentivam a ação missionária. Há uma tendência a se imaginar a aplicação prática de alguma utopia, enquanto que é ignorado a ação evangélica de transformação do indígena em um “homem completo” através de evangelização, de sua subtração à escravidão e de sua europeização, mesmo que a documentação dos primeiros missionários seja muito clara a este respeito. Aos olhos dos europeus, o indígena só seria um homem completo e feliz em função da conversão, objetivo último das missões, em relação ao qual os meios temporais exerceram um mero papel auxiliar. É evidente que se analisarmos as causas do sucesso das primeiras reduções, do ponto de vista do indígena, o caráter de refúgio que estas representavam contra os *encomenderos* ou os bandeirantes, o tratamento justo e caridoso oportunizado pelos padres, bem como os seus conhecimentos científicos e a tecnologia nova que aportavam, todos estes fatores de ordem material agiram de maneira decisiva.

A ação desenvolvida pelos missionários foi igualmente civilizadora e provocou sensíveis mudanças nos valores e padrões culturais. O comportamento das pessoas e dos grupos da sociedade tribal guarani estava orientado para valores muito diferentes daqueles introduzidos na região pelas sociedades ibéricas, ou mesmo pelos da Companhia de Jesus. Os indígenas não optaram livremente por todos os valores da sociedade ocidental européia, que os jesuítas representavam. Para alguns traços culturais, como a tecnologia do ferro, por exemplo, houve uma transmissão desejada pelos índios. Mas outros valores foram transmitidos de maneira autoritária, por decisões que se transformaram em obrigações,

como é o caso da aceitação da vassalagem aos monarcas de Portugal e da Espanha, do pagamento de tributos ou da prestação de serviços e trabalhos. Instituiu-se, pois, nas reduções, uma cultura nova, caracterizada pela coexistência do sistema tribal com as formas de organização política ibérica. Este autoritarismo, exercido em todos os setores da sociedade, não se efetuou através do emprego da força por parte do missionário, mas sim da mesma maneira que o autoritarismo se desenvolve na família, nos grupos de amigos, nas organizações econômicas, educativas e mesmo religiosas⁶. Durante o processo de evangelização, e paralelo a ele, os missionários realizaram uma obra de vulgarização dos padrões culturais europeus, procurando convencer os caciques e os demais guerreiros guaranis de suas convicções, iniciações e valores. Foi igualmente com a implantação dos povoados missioneiros que os jesuítas puderam agir sobre as crianças índias, inculcando-lhes as novas atitudes e valores. E sobre os adultos, também, na medida em que eram recrutados para assumir os papéis sociais da nova organização, num processo de cooptação no qual os caciques foram atores sociais importantes.

Ao enquadrar a sociedade dos Guarani dentro dos marcos formais jurídicos das sociedades ibéricas, visavam os jesuítas portugueses e espanhóis transformar os indígenas em seres “políticos” e “humanos” pois a única maneira de fazê-los levar uma “vida política e humana” era através da Redução e de uma certa concentração urbana.⁷ É exatamente nesta organização urbana das reduções que encontramos um dos elementos mais importantes deste processo de civilização do indígena. Algumas vezes estes povoados não passam de uma simples capela em meio às casas dos índios. Entretanto, em outras oportunidades, como é o caso das missões jesuítico-guaranis, os levantamentos topográficos dos sítios arqueológicos até agora encontrados e as gravuras da época nos evidenciam inicialmente uma rede de ruas largas que se cortam em ângulos retos, como nos planos ortogonais ou em grade do Renascimento. Face à praça central (*plaza mayor*) se ergue um conjunto monumental que se assemelha a um cenário teatral. Percebemos aí uma herança do plano básico da abadia beneditina medieval (igreja, claustro, oficinas dos artistas, quinta, cemitério, mesclado aos volumes e ao movimento do discreto fachadismo barroco da Contrarreforma. Em lugar dos conjuntos de casas e seus jardins, interiores ou exteriores, como nas quadras das

idades européias, podemos ver grandes casas isoladas (como a oca ou oga amazônica) que obrigavam as famílias extensas e nucleares dos Guarani. Diariamente, neste povoado reducional, ouve-se o som metálico do sino, chamando os indígenas para a catequese, a missa ou para o trabalho comunitário. Nesta síntese cultural, podemos observar as múltiplas influências culturais ocorridas entre as duas sociedades ou seja, as concessões que cada uma fez para a elaboração de um novo modelo colonial americano. Por outro lado, é neste espaço criado especialmente para as circunstâncias americanas, que percebemos o esforço realizado para levar o indígena a adquirir um comportamento racional e analítico, bem como uma experiência política que lhes possibilitasse ultrapassar o estágio de “costumes bárbaros e selvagens” e de “infidelidade”, a vida política como a concebiam os europeus e os luso-espanhóis da época, ou seja, nos quadros do absolutismo real, ou do municipalismo luso e do Cabildo espanhol. É neste espaço urbano que poderiam ser abandonadas as atitudes e os padrões culturais julgados impróprios, e substituídos pelas normas comportamentais julgadas como ideais na organização política, econômica ou cultural. Para atingir estes objetivos, era necessário a Redução, ou seja, que os indígenas fossem reduzidos à igreja e à vida civil (“*ad ecclesiam et vitam civilem esset reducti*”). Para uma perfeita cristianização, era necessário inicialmente reduzi-los ao novo espaço urbano, pois só ali seriam levados a viver “politicamente” como na antiga cidade-estado (*polis*), remediando assim a “irracionalidade” de andarem dispersos pelos montes e matas, vivendo como “feras” e adorando “falsos ídolos”.⁸ Nesta ação transformadora os missionários encontraram uma forte oposição por parte dos médicos-feiticeiros (pajés), que criticavam o abandono das virtudes antigas do modo-de-ser guarani que consistia em andarem livres pelas selvas, sem limitações de nenhuma espécie. Por outro lado, foi decisivo o apoio dos caciques. Para estes últimos, bastava um século de derrotas para os brancos escravagistas armados de arcabuzes mortais, bem como a drástica diminuição dos espaços existentes para os deslocamentos seminômades em meio à floresta. Restringidas estas possibilidades de permanência das tradições indígenas, pelas raias das bandeiras paulistas e vicentinos, e dos *encomenderos* de Assunção e das demais cidades espanholas, as Reduções passavam a representar não tanto o fim do modo de ser dos Guarani, para o qual não

havia mais um lugar na história, mas a possibilidade de sobrevivência em um espaço limitado e consentido.

Os missionários entraram em contato com os indígenas Guarani em um momento de intensa crise sociocultural e de etnocídio, devido aos contatos e conflitos com as frentes de expansão colonizadora luso-espanhola. Estes guerreiros guaranis nunca haviam sido oprimidos ou conquistados antes da expansão ibérica em terras do Rio da Prata. Ao contrário eram povos conquistadores e se expandiram sobre uma enorme área geográfica de verdes matas tropicais e subtropicais, várzeas férteis e vales quentes e úmidos. Entretanto, os contatos com a expansão colonizadora luso-espanhola deram origem a uma evidente e dolorosa ameaça de desintegração étnico-cultural, provocada pelas derrotas bélicas, pelas crises demográficas e a redução à escravidão, tanto por parte dos bandeirantes como dos escravagistas do Paraguai. Foi nesta situação de crise-limite que surgiram fenômenos de messianismo entre os Guarani. Partiam em busca da "Terra sem males", liderados por seus pajés, como uma resposta dos indígenas às condições de opressão. Podemos inclusive considerar estes movimentos messiânicos, como um "índice de contradição interna desta sociedade, de uma profunda inquietação desta cultura e talvez o sinal precursor de sua morte próxima".⁹ Como foi muito bem salientado por Métraux, as áreas habitadas pelos Tupiguarani, e em especial o Paraguai atacado pelos bandeirantes luso-brasileiros e pelos espanhóis escravocratas, conheceram durante este período inúmeros messias e profetas indígenas (karai). "Nenhuma região conta com tantos movimentos de liberação mística, e é ainda mais espantoso constatar que os Tupinambá e os Guarani que participam de uma mesma tradição cultural, tenham sido mais sujeitos a crises político-religiosas do que outros grupos".¹⁰ Como muitas tribos americanas, eles deveriam buscar a "terra sem mal" porque a terra em que viviam estava destinada a ser destruída em futuro muito próximo, assim como o passado já haviam ocorrido o Incêndio e o Dilúvio universais. Esta crença "cataclismatológica" já existia desde os tempos das primeiras missões jesuíticas. A crença neste paraíso denominado de "terra sem mal", terminou se mesclando aos elementos aportados pelo cristianismo. Os pajés viam sinais precursores em cada fato insólito e indicavam aos indígenas as mais negras profecias sobre o futuro, pois seria comidos pelos jaguares ou onças, exterminados durante a noite pelo

temível raio de Tupã, ou aniquilados pelo grande fogo do incêndio da floresta ou pela grande inundação.¹¹

Terão se dado conta os missionários portugueses e espanhóis da significação messiânica do fenômeno religioso tupiguarani? Eles estigmatizaram os pajés e os *karai*, considerando-os emissários do demônio, por serem eles os defensores do modo de vida antigo e, portanto, os grandes inimigos da implantação da redução e do processo de transculturação. Entretanto, os Guarani parecem ter tido muita visão no momento de abandonar suas antigas lideranças xamânicas pelos novos líderes religiosos que chegavam.

“Eram (os jesuítas) xamãs muito melhor dotados do que os seus próprios e que não podiam decepcioná-los pois o paraíso (‘terra sem mal’) que prometiam não era deste mundo, enquanto que todas as buscas anteriores, lideradas pelos xamãs, sempre terminavam em fracasso”.¹²

A obra capital da atividade missionária foi a conversão dos índios. Para isto, a ação civilizatória foi um elemento convergente. Entretanto, assim como nos primeiros tempos os indígenas não atingiram mais do que um cristianismo sumário, igualmente a europeização foi parcial. Os jesuítas tiveram êxito em criar centros de solidariedade para os Guarani ao transformarem as aldeias em povoados missionários. A missão permaneceu como núcleo central no seio do qual se realizou um complexo processo de aculturação, nos primeiros contatos, pois os elementos culturais tradicionais guaranis passaram a coexistir com alguns dos novos elementos cristãos e europeus ocidentais. Transformou-se em processo de transculturação, posteriormente, pois gradualmente os jesuítas foram introduzindo novas formas artísticas, novos rituais, uma economia mais produtiva, uma nova organização política e provocaram uma importante transformação tecnológica, em um extraordinário e raro processo de modernização com comunidades indígenas agora livres do fantasma do etnocídio, como afirmei em outra oportunidade.¹³ A América indígena pouco a pouco se transformava em uma América latina, e a cultura indígena em uma cultura iberoindígena.

Múltiplos foram os fatores importantes agindo no sentido de provocar estas diversas transformações culturais. Quando estudamos os documentos históricos escritos do período ou os vestígios da cultura material remanescentes obtidos nas escavações realizadas nos sítios arqueológicos da região, é que temos condições de perceber como é

complexa e variada esta transculturação em meio às iniciativas missionárias nas fronteiras coloniais ibéricas. Talvez o maior impacto tenha sido provocado pelas tecnologias introduzidas pouco a pouco na sociedade indígena. A elaboração de um artesanato rico e variado foi sempre uma característica dos Guarani, principalmente na confecção de recipientes cerâmicos com decoração plástica e pinturas, ou mesmo no trabalho com fibras vegetais. São exemplos desta atividade os tecidos em algodão e a produção de cestaria. Os indígenas continuavam elaborar artefatos em madeira, em osso ou a lascas de pedra para fazer pontas de flechas ou polir as suas lâminas de machado. Ao lado destas atividades, passaram a fazer uso de artefatos de ferro e, posteriormente, mesmo à elaboração da metalurgia. A utilização do arado e a implantação da agricultura de campo aberto modificaram substancialmente a produção alimentar. Ao lado da caça e da pesca, a pecuária dos bovinos passou a ser importante fonte de proteína animal. Introduziu-se o emprego rigoroso do tempo e a planificação das atividades diárias. Passou-se a fazer a produção de recipientes cerâmicos no torno e a sua queima no forno de oleiro. Ao mesmo tempo, os índios auxiliavam os jesuítas a erguer as suas capelas e igrejas, dominando as técnicas de construção européias. Os danças, música e canto tradicionais dos indígenas, sempre presentes em suas festas, foram acrescidos os corais e as missas cantadas, a música e a cenografia do teatro barroco. De grande importância foram igualmente as modificações baseadas nas normas de conduta européias e cristãs, e que terminaram alterando a visão de mundo dos Guarani. Podemos citar em primeiro lugar as regras do casamento monogâmico, pois terminava pouco a pouco com a poligamia dos caciques guaranis. Em seguida, as novas relações políticas de autoridade e poder, de coerção e liberdade, reinterpretadas em função da inserção dos indígenas na organização do absolutismo. Mudanças importantes foram também os rituais e crenças do cristianismo desenvolvidos no espaço cênico e sagrado das capelas e das igrejas. Uma série de sincretismos religiosos terminaram ocorrendo, inevitavelmente, tais como a associação do deus do trovão Tupã com a concepção judaico-cristã da divindade, do profetismo e da crença na "terra sem mal" com as idéias messiânicas e o paraíso cristão. É talvez impossível descrever a totalidade deste complexo processo histórico de mudanças culturais, pois ainda não dispomos de todos os dados. Podemos entretanto tentar compreender como a ação missional terminou provo-

cando este processo de gradual transculturação, no qual milhares de horticultores das florestas tropicais e subtropicais sul-brasileiras se inseriram pouco a pouco e de maneira limitada na cultura da sociedade ibérica colonial.

Os missionários foram xamãs poderosos, portanto, mas igualmente “heróis civilizadores” capazes de atrair os seus neófitos pelo fantástico e pelo maravilhoso, tanto ao nível da tecnologia como do ritual. “Os pajés tradicionais tinham sido ultrapassados pelas tremendas mudanças por que passava a sociedade dos Guarani, após os primeiros e fatídicos contatos com o mundo dos poderosos brancos invasores. Os missionários se destacaram por saber orientar esta mudança cataclísmica e transformá-la num processo objetivo e realista. Num momento de messianismo e de liderança carismática, a fé e a razão dos jesuítas desempenharam papel de relevância ante os indígenas (...) Submergidos num momento histórico apocalíptico, no momento da evangelização missionária, os Guarani viram nos jesuítas os seus salvadores”. Teriam os Guarani se convertido, menos ao Catolicismo, mas antes de tudo aos seus novos xamãs missionários,¹⁴ como o sugere Maxime Haubert? O papel desempenhado pelos missionários nestas ações evangelizadoras e civilizadoras só pode ser compreendida, levando-se em conta o contexto e as circunstâncias históricas.

Este complexo processo de transformação cultural não chegou a fazer do Guarani um europeu. Entretanto, deu origem a uma das mais extraordinárias tentativas de gradual inserção do indígena na sociedade luso-espanhola. Sem os fenômenos tão conhecidos da história colonial americana; o genocídio, a miscigenação ou a completa descaracterização socioeconômica das comunidades indígenas.

NOTAS

1. Citado in: BORGES, Pedro. *Misión y civilización en América*. Madri: Alhambra, 1987. p. 7.
2. KERN, Arno Alvarez. “Sociedade barroca e Missões Guaranis: do confronto à complementariedade”. *Actas* (I Congresso Internacional do Barroco. Universidade do Porto. Portugal), 1991. p. 445-65.
3. As interpretações que se seguem foram em grande parte já elaboradas nos quadros da pesquisa histórica publicada em: KERN, Arno Alvarez. *Missões; uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 97 e seguintes. Foram acrescidas algumas novas abordagens, tendo em vista a continuidade das investigações arqueológicas e históricas que ainda atualmente se desenvolvem. Ver igualmente: KERN, Arno A. O

- processo histórico platino do Século XVII: da aldeia guarani ao povoado missioneiro. *Estudos Iberoamericanos* v. 11, n. 1, p. 23-41, 1985.
4. LACOMBE. Robert. Probleme et mystere des jesuites du Paraguay. *Sciences Ecclésiastiques* (Paris) v. 17, n. 1, p. 91; v. 17, n. 2, p. 238-95, 1965. SAGUIER, Ruben e CLASTRES, Hélène. Aculturación y mestizaje en las Misiones Jesuíticas del Paraguay. *Aportes* (Paris) n. 14, p. 26, 1969.
 5. HAUBERT. Máxime. *L'église et la défense des 'sauvages': le Père Antoine Vieira au Brésil*. Bruxelles, Koninklijke Academie. 1964, p. 243.
 6. LAPIERRE. Jean-William. *L'analyse des systèmes politiques*. Paris. Presses Universitaires de France, 1973, p. 37.
 7. MELIÁ. Bartomeu. Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial. *Estudios Paraguios* (Assunção) v. 6, n. 1, p. 157-67, 1978.
 8. Idem, ibidem, p. 158.
 9. SAGUIER e CLASTRES. opus cit., p. 25.
 10. MÉTRAUX. Alfred. *Religions et magies indiennes d'Amérique du Sud*. Paris. Gallimard. 1967, p. 23.
 11. SCHADEN. Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p. 161-3. Segundo este autor., no litoral, os índios que chegavam ao mar em busca da "Terra sem mal" dançavam noites e dias seguidos para ficarem mais leves e voar para o paraíso. MÉTRAUX. Alfredo. Opus cit., p. 15-6.
 12. SAGUIER e CLASTRES. opus cit., p. 25.
 13. KERN, A. A. Opus cit., nota 15, p. 111.
 14. KERN, A. A. Opus cit., nota 15, p. 113, HAUBERT. Maxime. *L'oeuvre missionnaire des jésuites du Paraguay 1587-1768*. Tese de doutorado defendida em Paris, no ano de 1966. p. 349.